

# Detetives no rastro de sistemas complexos

Guru da cibercultura se aventura em suspense de contornos científicos

Fátima Régis\*

Steven Johnson é autor de best-sellers como *Cultura da interface* e *Emergência*. É ainda um dos principais columnistas de revistas como *Wired*, *Discovery* e *New York Times Magazine*, e já foi citado pela revista *Newsweek* como um dos mais influentes pensadores da chamada cibercultura. O blog que edita é referência obrigatória para os aficionados em tecnologia.

Seu novo livro, no entanto, surpreendeu os fãs ao substituir a teoria pelo thriller. Pois, em *O mapa fantasma*, Johnson conta como dois homens, um médico e um padre, venceram uma epidemia de cólera na Londres de 1854, mudando os rumos da epidemiologia, das cidades e da vida moderna. Os dois paladinos se embrenharam em uma luta contra mentalidades científicas conservadoras e políticas públicas equivocadas que defendiam a teoria do miasma – a idéia de que o ar fétido e contaminado era o principal vetor de transmissão de doenças. A investigação empreendida derrubou essas visões, separando as redes de água potável e de esgotamento sanitário, fator precípua para o desenvolvimento das metrópoles.

## Saberes em trânsito

Mas por que um guru da cibercultura estaria interessado em uma epidemia de cólera do século 19?

A formação acadêmica de Steven Johnson tem base humanística: é graduado em semiótica e em literatura inglesa. Entretanto, o escritor é dotado de um ecletismo que lhe permite transitar sem dificuldade entre as áreas tecnológica, humanística e biomédica. Essa versatilidade faz de Johnson um autor de divulgação científica ímpar. Seus livros abordam temas aparentemente desconexos como redes de comunicação, sistemas complexos, funcionamento do cérebro, entretenimento e, agora, epidemias. Também diversidade as vezes atra-

palha: o escritor tem sido alvo de críticas em listas de discussão na internet. A convergência entre esses temas – que deve ser evidente para os leitores de *Emergência* – está em sua articulação com os sistemas complexos.

Em *O mapa fantasma*, Johnson relata que os efeitos catastróficos do cólera foram potencializados pelas interações complexas entre fatores de áreas distintas do conhecimento (o comportamento do homem comum, o crescimento desordenado das cidades, as políticas públicas ineficazes, as teorias científicas equivocadas).

A visão unilateral das autoridades e o conservadorismo dos cientistas, em vez de solucionar, intensificavam o problema. As vantagens do médico John Snow e do padre Henry Whitehead sobre as autoridades eram sua posição privilegiada no mapa em questão e sua perspicácia para conectar e analisar dados provenientes de diversos campos do saber. Ambos agiram como verdadeiros detetives recolhendo todo tipo de indício que pudesse ajudar no reconhecimento dos padrões de disseminação da epidemia. John Snow testou a pureza da água proveniente das bombas locais, o que permitiu confirmar sua hipótese de que o vetor de transmissão estava na água e era ingerido, em oposição à idéia corrente de que o vetor era o ar e a doença, inalada.

Ou seja: Snow e Whitehead ignoraram fronteiras científicas e mapearam conexões – até então invisíveis – entre o comportamento do homem comum, dados estatísticos, pesquisas científicas recentes e impactos das políticas de saúde pública. A habilidade de ambos os

personagens para associar fatores micro e macrosociais permitiu que desvendassem o modo de funcionamento complexo da epidemia. É essa atuação precoce como investigadores de sistemas complexos – numa época em que estes sequer tinham sido identificados – que encanta Steven Johnson e revela o lugar de *O mapa fantasma* no conjunto da obra do autor.

## Espaço para o método

O romance é, portanto, uma obra sobre metodologia científica. Como Johnson conclui: “O que tornou o mapa de Snow pioneiro foi o fato de que aliou conhecimentos de design da informação a uma teoria cientificamente válida sobre a transmissão do cólera. O que importava não era a técnica de mapeamento, mas a ciência subjacente ao mapa”.

Ora, a cibercultura só pode ser entendida levando-se em consideração a dinâmica complexa que envolve indivíduo, cultura e sociedade. Seria uma cegueira teórica abordá-la sem considerar a inter-relação dos aspectos econômicos, políticos, jurídicos, tecnológicos, culturais, sociais e de entretenimento.

Em *O mapa fantasma*, o sombreamento de fronteiras comparece até mesmo na estrutura narrativa. O texto contém características de divulgação científica, com seus dados estatísticos e informações técnicas ao mesmo tempo em que é apresentado em estilo narrativo envolvente, dando vida a personagens anônimos e suspense ao trajeto de invenções científicas e decisões políticas. O resultado é um romance detetivesco. Para incrementar o clima de suspense, ao modo de um bom folhetim, Johnson brinda seus leitores com *difflangers* no final de cada capítulo.

Mas o que à primeira vista pode parecer uma idiosincrasia ou mera escolha narrativa revela a argúcia do autor. A estrutura híbrida da narrativa, combinando discursos científicos, factuais e literários, espelha o conteúdo do livro, mostrando a indissociabilidade entre forma e conteúdo na obra literária.

\*Professora e Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj

## O mapa fantasma

Steven Johnson. Trad: Sérgio Lopes. Jorge Zahar. 276 pág., R\$ 39,90

